



Director literario:

Albuquerque
PAPIM

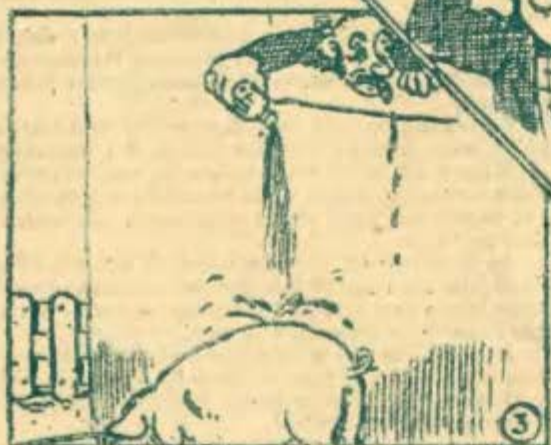
SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

J. Soares
PAPUSSE

«ZÉ» CARECA E O CARÉCOL



Zé Careca Ravachol,
vai à Farmácia Rebelo,
para comprar Carécol
que faz nascer o cabelo.

Porque era alcoólica a droga
e Rava h l borrachão,
ei-lo que quasi se afoga
pondo no buxo a loção.

Nisto à janela, de borco,
já «taxado», o frasco em meio,
entorna sóbre o seu porco,
do específico o recheio,

O efeito — (é de calcular) —
foi tornar-se um bacorinho,
que era um porquinho vulgar,
num formoso porco espinho.

OS DOIS NOVELOS

■
 POR
 MARIA
 ADELAI-
 DE
 ■



■
 V.
 FRAGOSO
 DESENHOS
 DE
 TIO TONIO
 ■



FERNANDA e Luciana estão junto da janela do seu quartozinho de costura. A primeira faz um bordado numa camisinha; a segunda está recostada, indolentemente, num sofá.

São irmãs. Uma tem 9 anos, a outra 15. Fisicamente, parecem-se, mas, os seus gênios, são completamente diferentes.

Fernanda é trabalhadora, dócil e boa; Luciana, ao contrário, não gosta de fazer coisa al-

guma: é maldosa e não se importa com a desgraça alheia. Além de tudo, é orgulhosa.

A sua modesta fortuna não lhe permite luxos. A casa está mobilada, senão com riqueza, com graça. Fernanda, apesar de ser muito nova e andar no colégio, ajuda a mãe nos trabalhos caseiros, logo que tem o tempo livre. Nas mezas e nos «étagères» da casa, vêem-se alguns trabalhos, feitos já, pela gentil pequenita.

Como havia praia naquela terra, vinha muita gente para ali na época balnear, e, a mãe das nossas amiguinhas, alugava, nessa ocasião, metade da sua casinha, que possuía o dom de ter vista para o mar.

E', nessa época, que sucedeu o que vou contando.

Depois de algum tempo, Fernanda e Luciana ouviram bater à porta.

—Quem seria que bateu?!—disse Luciana.

—Naturalmente, alguém que pretende alugar a nossa casa. Até me admira, que ninguém tivesse vindo ainda falar a esse respeito com a mamã.—respondeu Fernanda.

—Bem. Deixa-te de lérias e vai abrir,—replicou-lhe a irmã.—O que esperas?

A criança deixou o seu trabalho e encaminhou-se para a porta da rua, sem mesmo reparar no ar arrogante de Luciana.

Quem batera à porta fora uma senhora de idade, sofriavelmente vestida e que perguntou a Fernanda pela mãe.

Aquela mandou-a, delicadamente, entrar para uma sala e disse que ia avisar a mamã.

No corredor, encontrou Luciana, que a repreendeu:

—Para que mandaste entrar aquela desconhecida? Talvez seja uma ladra e tu deixaste-la sozinha na sala! Para a outra vez, faze favor de não fazer nada, sem me comunicares,—disse ela.

A pobre Fernanda baixou os olhos e não respondeu. Estava habituada àquelas reprimendas, que a irmã lhe dava, injustamente, e ficou calada.

Encaminhou-se para a mãe, que vinha perguntar quem batera à porta e contou-lhe o sucedido, exceptuando o que dissera Luciana. Mas, mesmo vendo a generosidade da irmãzinha, a mais velha não deixou o seu ar de vencedora, que sempre tinha.

A mãe foi receber a visita e Fernanda retomou o seu trabalho.

Daí a alguns instantes ouviu a mãe chamar;

—Luciana, Fernanda!... Venham cá?

Luciana não se mexeu da cadeira, mas Fernanda correu para a sala.

—Porque não veio a Luciana?—perguntou a mãe.

—Está acabando um trabalho, mas já vem, apressou-se a dizer Fernanda, sempre pronta a desculpar a irmã.

A mãe chamara-as, para as apresentar à senhora que a viera procurar, a fim de lhe alugar metade da casa, durante o verão.

Decorria o tempo sem nenhuma novidade. Fernanda afeiçoara-se à inquilina, mas Luciana conservava-se sempre afastada, pois achava que não devia ter relações com uma mulher que andava com vestidos usados e só lhes oferecia a sua amizade.

A época balnear estava a terminar. Outubro vinha já perto, com as suas chuvas e frios. Brevemente, a praia, que tivera até ali um ar alegre, ficaria solitária e triste. Fazia pena vêr que se ia despovoando a pouco e pouco.

Fernanda e Luciana, apesar de estarem acostumadas àquele abandono, todos os anos, custava-lhes imenso ficarem sós, depois dos dias alegres que tinham passado.

Naquela época, principalmente, Fernanda estava mais triste que nunca. Habitára-se à boa senhora, que era muito simpática e parecia-lhe que não podia passar sem a sua boa companhia.

Tres dias antes de partir, a inquilina trouxe dois novêlos de lã e pediu para as duas pequenas lhe fazerem duas touquinhas, que tencionava dar a umas garotas pobres, da sua terra.

Fernanda disse logo que estava pronta para fazer o trabalho, mas a irmã, só prometeu fazê-lo, se tivesse tempo.

E assim foi. Enquanto a mais nova confeccionava uma linda touquinha, a mais velha entretinha-se com outras coisas, só para não pegar no trabalho que a boa senhora lhe dera para fazer.

No último dia em que a inquilina ali estivera, a Fernanda só faltavam umas malhas da touca. Luciana, como já não tinha tempo para fazê-la, foi entregar o novêlo à vizinha, que ficou muito triste por esse facto.

Mas, qual não foi a admiração de Fernanda, ao abrir uma noz que servira para enrolar a lã. Achou um dedal de prata que ela havia tanto tempo desejava e não podia comprar por falta de dinheiro!

Correu a dar a boa nova à mãe e à irmã, que, como devem calcular, ficou arrependida de não ter feito também o seu trabalho, o qual seria, certamente, recompensado, como o dela.

Esta, depois de agradecer à boa senhora, voltou para casa muito contente.

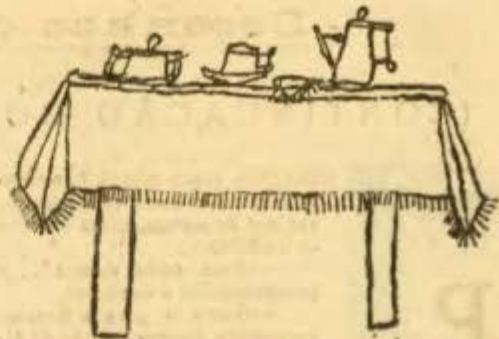
Luciana ainda hoje chora a sua falta. Mas, desde esse dia, emendou-se, e é agora muito trabalhadora e boa como Fernanda.

CONCURSO DE DESENHO

CONSTANTINA
GOMES - 13 anos
* EXTREMOZ *
3.º prémio

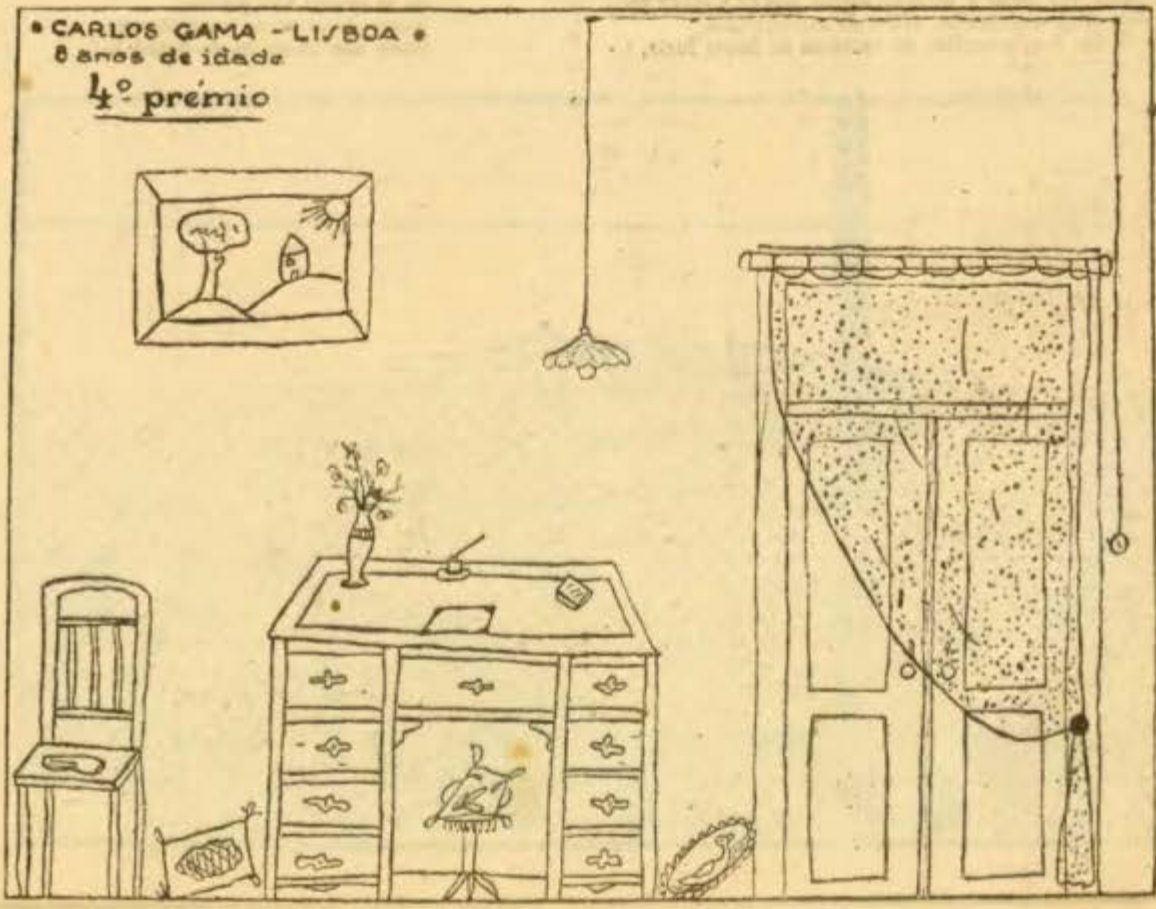


3.º 4.º E 5.º PREMIOS



ROSALIA IVONE - 7 anos
* 5.º Prémio *

* CARLOS GAMA - LISBOA *
8 anos de idade
4.º prémio



DE MARÇANO A MILIONARIO

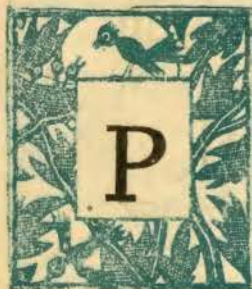
A VIDA DUM ROCKFELLER

NOVELA INFANTIL

por Augusto de Santa Rita

Desenhos de Tio Tónio

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)



ASSADOS cinco minutos, meteu-se num outro carro cujo letreiro, em vez de Rossio, tinha escrito:

— CARMO.

— «Para onde deseja?...» perguntou-lhe o condutor.

— «Quero ir para o Rossio» respondeu Roque, tirando da algibeira oito tostões e meio.

— «O carro só vai para o Carmo — objectou-lhe o condutor, acrescentando: — mas pôde descer depois no elevador.»

— «Está dito!» tornou o pe-

quenito, sem perceber mas não querendo dar mostras de ignorância.

E, uma vez pago o bilhete, Roque pôs-se a olhar para fóra, com olhos esgazeados, olhos de macaquinho.

Ao chegar à «passerelle» do ascensor de Santa Justa, fi-

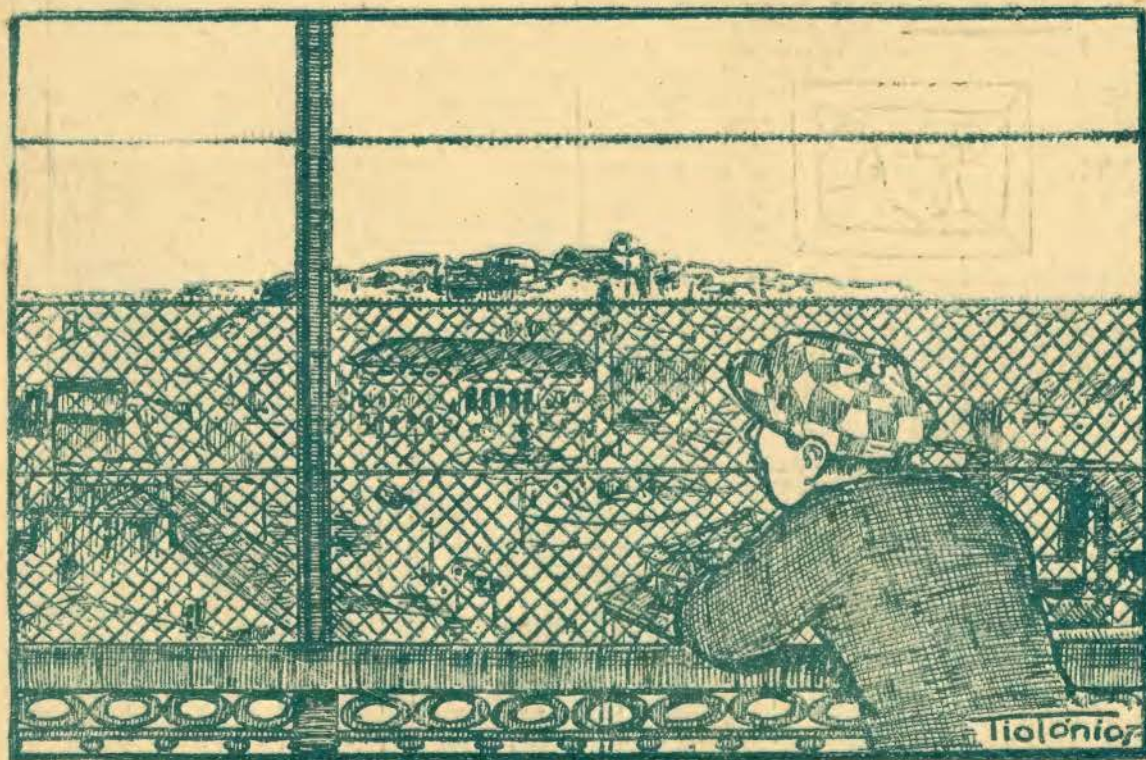
cou deslumbrado. Habitado à pequenez da sua aldeia, nunca supuzera existir uma tão grande cidade, a cidade que o seu olhar dominava, agora, de tão imensa altura. Sentiu uma vaga sensação de vertigem. Por fim, entrou para o elevador mas, assim que este se pôs em movimento, quasi soltou um grito, grito que sufocou ao vêr a serenidade do condutor e de mais dois passageiros que sorriam ante a expressão aflitiva que Roque, sem querer, havia exteriorizado.

Quando o ascensor parou, teve a sensação de que o chão lhe fugia debaixo dos pés ou de que iria bater com a cabeça no teto. Foi, portanto, com um suspiro de alívio e certo contentamento que se viu fóra dêle.

Mas, já refeito do susto, Roque seguia pela rua do Ouro, em direcção ao Rossio, alegremente trauteando o costumado estribilho:

O'-i-ó-ai

eu se quizer não me ralo,
quem chora perde o seu tempo;
quem não chora há-de ganhá-lo!





VIDA NOVA

Decorrido um mês, nas imediações da mercearia Confiança, freqüentíssimo era deparar, de manhã ou à tarde, o gracil vulto da pequenina Esmeralda, sobraçando com aflitivo esforço o cestinho das compras, atulhado de gêneros. Substituía, agora, o saudozinho marçano que nunca mais aparecera. — «Por onde andaria ele?...» pensava tristemente Esmeralda, cuja existência, junto do Ti'Malaquias, sem ter com quem desabafar as suas máguas, se tornava agora insuportável.

Os Viscondes de Souza, pais do menino rico, cujos brinquedos Roque tanta vez invejara, eram os melhores frequentes do Ti'Malaquias. Viviam com a avózinha do menino Vasco, a mãe do senhor Visconde, senhora de sessenta e tal anos, cuja existência era toda votada a obras de caridade. Directora de uma Casa de Trabalho, de um Asilo de inválidos, de um Instituto de cegos e do grande Orfanato de Souza, dispunha de uma influência enorme, que a sua categoria e a sua grande fortuna prestigiavam cada vez mais.

A senhora D. Viviana, assim se chamava a bondosa velhinha, levantava-se todos os dias às sete horas e meia da manhã e, umas vezes a pé, nos dias bonitos, outras no seu belo automovel «Buick» em dias de chuva ou de excessivo calor, era raro o dia em que não saía antes do almoço, para dirigir as suas importantíssimas instituições beneméritas.

Manhã quente de Junho... Um sol inda há pouco nado mas já intenso, incide sobre as searas que uma ligeira brisa ondula em frémitos de luz. Sentada num pedreguinho à beira da estrada, Esmeraldinha, colocando no chão o pesadíssimo cesto, pôs-se a chorar com saudades de Roque. — «Por onde andaria ele, o querido amiguinho?! Estaria já, talvez, arrependido...!» pensava e, comovendo-se cada vez mais a tal lembrança, deixou tombar a cabeça sobre o próprio regaço e desatou soluçando.

Nisto, sentiu-se envolvida numa nuvem de pó. Um au-

tomóvel passara vertiginoso, sufocando-a quasi. Súbito, parara e começou recuando lentamente. Estava já junto dela imóvel, silencioso. Abriu-se a portinhola e uma senhora apiou-se. Era D. Viviana.

— «Que tens tu, pequena; porque estás a chorar?!» perguntou a bondosa senhora a Esmeraldinha, a quem ela não era já completamente estranha. Recordava-se de a ter visto, algumas vezes, entretendo Vasco no amplo terraço do seu palacete, à hora em que ela, substituindo Roque, ia fazer entrega das encomendas.

— «Porque choras, filha?!...» insistiu Viviana com maternal carinho, afagando Esmeralda, cuja comoção, ao sentir-se amada — (ela que nunca mais o fóra desde que a mãe lhe morrera) — aumentava de maneira a quasi lhe embargar a voz. Todavia, num entrecortar de soluços, ainda conseguiu responder:

— «Roque fugiu e eu fiquei sòzinha!»

— «Onde está tua mãe?» perguntou a senhora, impressionada pelo choro da pequenita que logo respondeu: — «morreu há três anos!»

— «Teu pai?»

— «Há cinco» tornou Esmeraldinha, pormenorizando, a seguir, a sua triste vida, descrevendo o motivo da fuga de Roque e queirando-se dos maus tratos constantes do Ti'Malaquias.

— «Queres deixá-lo?! Queres que eu tome conta de ti?! Queres entrar para o meu Orfanato?!» inquiria, agora, D. Viviana, enquanto, enxugando as lágrimas e rindo, muito contente, a pequenita exclamava: — «Quero, quero! Se quero!» — acrescentando numa expressão de mágua: — «ele bate-me tanto!»

— «Então, senta-te aqui!» e, fazendo-a entrar com o cesto das compras para o automovel, onde, ao lado dela, se sentou também, exclamou em seguida para o «chauffeur»: — «Segue para a mercearia Confiança.»

O carro pôs-se em andamento e, pelo caminho, D. Viviana aconselhou Esmeralda a ir despedir-se do Ti'Malaquias, dizendo-lhe que, enquanto ela lá fôsse, ficaria no automovel, a uns vinte metros da mercearia, esperando por ela, a fim de a conduzir depois ao Orfanato.

(Continua na 8.ª página)

CORRESPONDENCIA

Fernando Manuel—A história do Farrusco está boa, mas acaba muito trágicamente.

A gente meúda não gosta dos epílogos tão trágicos. Não repara que terminam sempre as histórias com o sacramental... «Casaram, foram muito felizes, tiveram muitos meninos».

Marta Helena—Não está nada mau, mas por enquanto, fraquito. Daqui a mais algum tempo é que eu te quero ver a *escrevinhar* contos na perfeição. Valeu?

Antonio C. Portugal Tavares—O dezenho de Carlos Blech ao chegar a Gaza está muito esgazeado... Aquela âncora pendurada na hélice é para ancorar, não é?

Faz outro a tinta.

Manuel C. Ribeiro da Cruz—Mais firmes os traços e estariam nas condições.

Antonio Evangelista Monge—E a idade?

Bazílio A. Lobo—Não serve é copiado.

Henrique Pereira—O teu desenho é copiado.

Francisco D. Bernardino—Os teus desenhos, coloridos, são muito interessantes, mas não publicáveis.

Adriano Morais—Em que tinta e papel se fazem as histórias? Qualquer serve? Para os desenhos é que é precisa tinta da China. Compreendes?

Lili Ferreira—Recebi tudo a que te referes, que muito me agradou, mas foste infeliz. O desenho não estava nas condições do concurso, a história, que é muito interessante, não serve para meúdos.

Faz uma outra, que eu prometo publica-la, pois bem mereces.

Um abraço.

Joaquim dos Santos—Mas, que grande maroto! A história do *avarento* é mais velha... que eu!

Edmaro José de Sousa e Eugénio de Sousa—Muito interessantes os desenhos, mas são a lapis e não servem por esse motivo.

Joaquim Dias—O desenho é copiado, motivo por que não serve.

Anita P.—Não se extraviou o seu conto «O casamento e a mortalha...», mas, como o assunto é pouco infantil, não pode ser publicado.

São muito apreciáveis os seus trabalhos, mas, para serem publicados no nosso jornalinho, só devem constar de assuntos que interessem aos leitores para que é destinado.

Continuo, como sempre, ás suas ordens.

Emília Martins Moreira—A história do «Rato ladino», está, já, muito bem escrita, e, seria publicada, se lhe não faltasse o entrecho.

Para a outra vez, faça uma história mais complicada, cujo entrecho prenda a atenção.

Compreende?

Suzette—Muito interessantes os seus versos e o conto «O Pagensinho louro». Contudo não se esqueça de que escreve para os pequeninos.

Compreende?

Agradeço as suas boas palavras.

Alberto Maria Andrade—Recebi o teu desenho. Tem uns erros de perspectiva, que corrigirás com o tempo.

Doris Roland—Sendo «portuguezinho da gema», também tenho muita dessa franqueza, que se atribue aos americanos seus compatriotas...

Os seus trabalhos tem grande imaginação, mas literaria e ortograficamente, estão fracos.

O segundo já está melhor, mas ainda não é o que é necessário.

Está satisfeita?

José da Costa Ramalho—A solução da adivinha veio logo no número seguinte.

Artete Dias—Só tinta da China.

Albino Lisboa Botelho—As adivinhas que enviaste não servem, porque o genero delas é muito conhecido. O desenho é copiado.

Onirêves—Deves ser farmacêutico, com certeza!... Qual é dos meudos que conhece aqueles nomes tão arrevezados. Agradeço a intenção e faz mais coisas.

Maria Pacheco—Não aborrece nunca. Pelo contrario. As suas histórias são esplendidas para os meúdos... e alguns graúdos, que as apreciam.

Alexandre José Ferreira—Achei muito interessante a tua adivinha dos nomes de terras, mas sei que outro tanto não sucede à maior parte dos leitores, razão por que não se publica.

Não te desgostes e faz outras coisas.

Morenita—Recebi o teu abraço muito apertado. De facto fiquei até com uma dor no pescoço...

«O fim de Ramiro» não é para os leitores do «Pim-Pam-Pum», apesar de ser muito bonito.

«A historia das borrachas» é fraquita. Os desenhos esplendidos!

Um chicoração bem apertado.

Que pena eu ser tão velhote...

Vitor Peres—Só agora chegou a tua altura à carta em que enviaste a adivinha — EU GOSTO MUITO DO PIM-PAM-PUM. E' muito grande e o genero não serve.

Um abraço.

Francisco Alberto Teixeira Lemos—O desenho, apesar de muito fraço, foi com o retrato para o Concurso.

A historia é engraçada, mas simples de mais.

Joaquim Duarte Carvalho Vieira—Recebi o teu desenho. Foi para o concurso como já debes ter visto.

Gostei da tua franqueza no que diz respeito ás apreciações.

Realmente assim sucede, (eu proprio o reconheço), mas não é de admirar em quem... é um pouco mais velho que tu.

Jacinto Belchior—E' copiado o desenho.

Fernando Gonzalez Potier—E' decalcado ou copiado. Só originais servem.

Augusto Maria Gomes—A mesma resposta que ao teu «primo» anterior.

Eduardo Romão—E' copiado o teu desenho, de uma gravura alemã.

Reporter Z.—Já não és dos mais jovens... No entanto, manda, para ver.

Agradeço o elogio que fazes ao Zé.

Antero A. Sobral—As caricaturas estão interessantes, mas, a carvão, não servem.

Tenta mais uma vez fazê-las a tinta e verás que não te dá mal.

Maria José C. Santos (Zézé Santos)—Recebi tudo a que te referes.

Dos desenhos que mandaste, o do homem das amendoadas, é copiado.

Assim não vale... Eu tenho um dedo que adivinha...

Manda um conto se quizeres.

Perfeito Ferreira Pinto—Está muito bem o teu mapa de Portugal, mas não se pode publicar, pois iria ocupar o espaço destinado a coisas mais interessantes. Um aperto de mão vigoroso!

M. M. Simões—Pode mandar o que quizer, desde que se sujeite à demora ocasionada pela grande aglomeração de trabalhos.

Antonio José Guerra Pinto e Joaquim Antonio Costa Carrasco—São copiados os desenhos.

Mario Alves—Recebi o teu desenho, que não está mau. Como o teu forte são as casas, quem sabe se não darás um admirável arquiteto.

Querendo, podes mandar uma casa.

Desenhos há por cá às centenas!

Não me lembro do teu conto.

TIOTONIO.

Rua do Seculo, 43.

HORA DO RECREIO

Meus amiguinhos:

O «Pim-Pam-Pum» desejando corresponder, cada vez mais, aos desejos dos seus pequeninos colaboradores, vai iniciar uma nova série de secções que muito os divertirão.

A parte relativa à correspondência, que se encontra um pouco em atraso devido ao grande número de originais que nos têm sido enviado, bem como adivinhas, desenhos, etc., será posta em dia.

O	S	E	C	U	L	O	r
	m	e			ê	s	s
P	o	r		E	c	O	i
i	r	a		a		a	n
M	E	U		J	O	R	N
		r	a				h
P	R	E	D	I	L	E	C
T	O						

As pequeninas colaboradoras passarão a ter, também, uma secção especial.

As enghocas serão substituídas, por algum tempo, pela nova secção, que iniciaremos talvez já no próximo número, intitulada: — Jogos e partidas.

Não descança em sua faina o

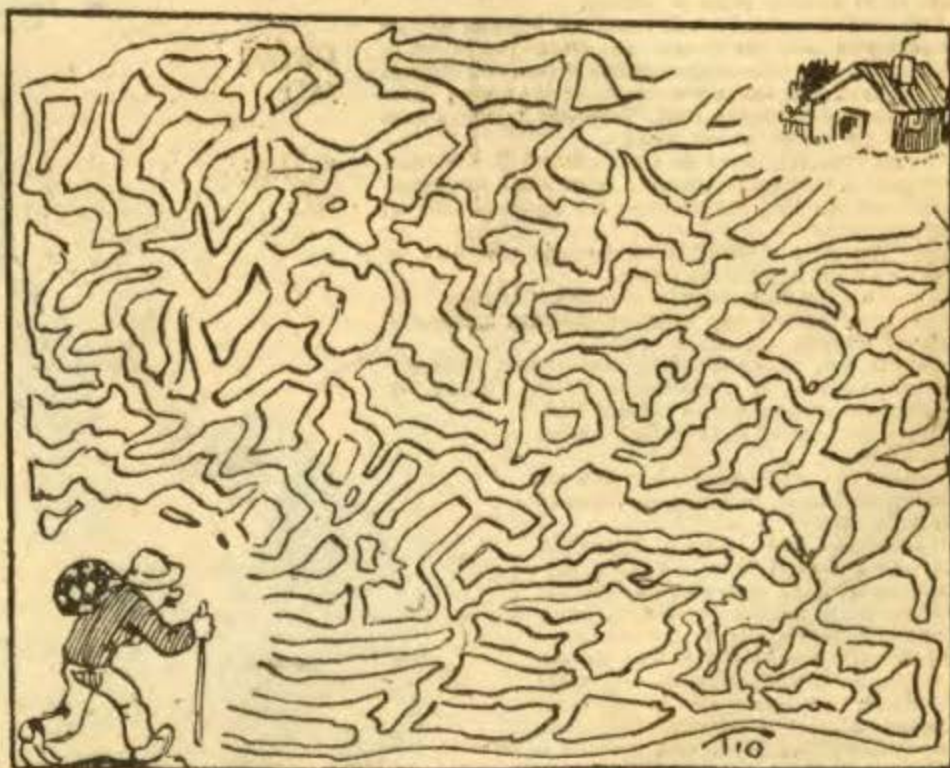
vosso amiguinho

TIOTONIO

LABIRINTO

Meus meninos:

Vejam se descubrem o caminho mais curto que o mendigo, à esquerda da nossa gravura, deve seguir para chegar à sua cabana.



Três minutos volvidos, D. Viviana deu ordem ao «chauffeur» para parar o carro que se encontrava já a muito pouca distância da mercearia.

Esmeraldinha apiou-se, enfiou o braço na aba do cesto e dirigiu-se para a porta da mercearia, onde o Ti'Malaquias se encontrava ao balcão.

Ao vê-la entrar com o cesto cheio das encomendas que não chegara a distribuir pelos fregueses, ficou espantado. — «Então, que quere dizer isto?! Não entregaste as compras?!» rouquejou Malaquias, numa tremenda ameaça.

Esmeraldinha, confusa e timidamente, murmurou hesitante: — «Saiba vossemecê que venho despedir-me.»

— «Ah, ah, ah! Ah, ah, ah!» gargalhou Malaquias a quem nunca passara pela cabeça que Esmeraldinha pudesse vir a tomar semelhante atitude.

Após, um momento de estupefacção, puxando da correia que estava perto, correu para ela exclamando furioso: — «eu já te dou a despedida, princeza!»

Porém, Esmeraldinha, pousando o cesto, largou em louca correria ao encontro de D. Viviana que, sorrindo, dentro do automóvel, lhe abriu a portinhola, deixando boquiaberto o merceeiro que esperava tudo menos a invencível protecção à pequenina vítima que o seu furor alvejara.

Confundido, vexado, ao reconhecer em D. Viviana a sua melhor freguesa, Malaquias pos-se a gaguejar umas desculpas que nem sequer teve tempo para concluir, pois o automóvel, envolvendo-o numa nuvem de pó e gasolina, partiu vertiginosamente.

Maldizendo à vida e coçando a cabeça, desesperadamente o merceeiro voltou à loja, puxou o cesto para fora, fechou a porta à chave e, como não tivesse quem o servisse agora, pegou êle próprio no cesto e dispôs-se a ir levar as compras aos fregueses.

Entretanto, Viviana e Esmeralda apiavam-se junto dum grande edificio, todo caiado de branco, com amplas janelas envidraçadas sobre um jardim gradeado e em cuja fachada se ostentava um letreiro onde a letras doiradas se deparava escrito o seguinte dístico: — «Orfanato de Souzaelas.»

O jardim abrangia a direita e as trazeiras do edificio rés-vés da estrada, seguindo as grades de ferro o mesmo prolongamento da fachada à altura do rés do chão.

Súbito, um amplo portão de madeira pintado de verde, a mesma cor dos caixilhos das janelas, abriu-se automaticamente, dando acesso a um pequeno pátio que uma palmeira decorava ao centro, deixando entrever, através duma pequena porta lateral, uma nesga de luz sobre um jardim de ruas ensaiabradas, e a cujo fundo uma escadaria de pedra conduzia ao primeiro andar do edificio.

Uma irmã de caridade, toda vestida de branco com uma touca também alva, que dir-se-ia uma grande pomba com as asas abertas, num pequenino escritório, ergueu-se à chegada de D. Viviana que, mal a viu, apertando-lhe a mão, exclamou: — «Bons dias, minha irmã. Trago-lhe hoje uma nova internata que entrego ao seu carinho.»

— «Pois seja pelo amor de Deus, senhora D. Viviana!» murmurou a religiosa, afagando a pequenina e perguntando-lhe com maternal interesse: — «E's baptisada, não és? Como te chamas?...»

— «Esmeralda», voltou a recém-vinda com uma expressão z nha de reconhecida ternura.

— «Tens um lindo nome; e já conheces as letras?» inquiriu Sórora Celeste que assim se chamava a simpática irmã de Caridade.

— «Já sim, minha senhora...» murmurou Esmeralda, logo surpreendida pela observação de D. Viviana, interrompendo-a docemente: — «Minha irmã, é que tu deves dizer, Esta senhora é nossa irmã em Deus.»

— «Já sim, minha irmã». Tornou a pequenina, pousando, enleada, os olhos no lagedo do chão.

— Passados dez minutos, Esmeraldinha, entre Sórora Celeste e Viviana, percorria os diversos aposentos do Orfanato: — dormitórios, cosinha, corredores, aulas, quartos de banho, sala de ginástica e refeitório onde um rancho enorme de pequenitas, entre oito e quinze anos, todas de branco com bibes de riscado azul, tomavam o pequeno almoço, chilreando como passarinhos, numa viva, risonha e despreocupada alegria.

A'quela mesma hora em que Esmeraldinha, em Souzaelas, afagava projectos duma nova existência no Orfanato de D. Viviana, Roque, em pleno Rossio, entre um vai-vem de gente, vivo como um pardalinho novo, sobraçando um pequeno caixote suspenso, a tiracolo, por uma correia de coiro, gritava, saltitando, dum lado para o outro: «ó graxa, ó graxa, ó graxa!...»

Roque, com os trinta e três mil reis que trouxera, gastara quinze nos tres primeiros dias em se alimentar e os restantes dezoito nos apetrechos necessários para o seu pequeno mister de engraxador.

Como o dinheiro lhe não tivesse chegado, não tirara a a respectiva licença. Por tal motivo, andava constantemente a esgueirar-se da policia e não raras vezes sucedia estar engraxando as botas a um freguês e ter de deixar o serviço em meio, devido à aproximação dum civico. Mas, assim que o via afastar-se, vinha sorratamente prosseguir o trabalho, pedindo desculpa, pela interrupção, ao freguês.

Conseguia engraxar por dia uma média de trinta pares de botas ou sapatos, pelo que conseguia uma diária de quinze escudos, dos quais cinco destinava ao seu sustento. Economisando dez, ao fim dum ano conseguiu amealhar a bonita soma de três mil e seiscentos escudos.

Fartando-se, porém, daquela vida e sedento de novas aventuras, Roque, vendo, uma noite, num «cinema» a preços populares, o desenrolar dum «film» cuja acção decorria em Paris, sentiu a tentação de participar daquela vida intensa, de bem maior movimento e, com certeza, portanto, de maiores recursos. Mas... — (e neste *mas* via um abismo!) — como transportar-se!

CON
TINUA

NO

PRÓXI
MO

NÚME
RO

